

### **Definição e conceitos**

De acordo com Corsino Tolentino<sup>1</sup>, a Diáspora pode ser definida como uma população geograficamente dispersa, originária da migração e que reside em países estrangeiros, mantendo fortes laços afetivos, materiais e simbólicos com o país de origem. Sintetizando, o mesmo autor defende que o conceito da diáspora tem os seguintes cinco elementos definidores: dispersão, a partir do território de origem; memória coletiva entre a origem e o destino; manutenção de laços materiais e simbólicos com a terra e país de origem; noção interiorizada de última pertença e esperança no regresso físico ou virtual.

Corsino Tolentino incide, nesse seu documento da altura, em alguns outros conceitos ligados diretamente à diáspora, nomeadamente a competência, pessoal qualificado e pessoal altamente qualificado. Dado a grande importância desses mesmos conceitos para o nosso tema acima mencionado, passamos a descrever as opiniões deste autor sobre os três conceitos atrás mencionados. A competência é, na opinião de Corsino Tolentino, um conjunto de saberes que são ou podem ser postos em prática para resolver problemas ou criar alguma coisa. Essa mesma competência, prossegue o mesmo autor, resulta da aprendizagem e está associada à prática, manifestando-se num saber-fazer operacional e validado. A capacidade combinatória de saberes, práticas e atitudes é o cerne da questão. Na verdade, está provado que a gestão estratégica de competências é uma vantagem que influencia muito o desenvolvimento dos países, mesmo em ambientes de baixa tecnologia, acrescenta Tolentino.

Pessoal qualificado é, na opinião de Tolentino, todo aquele que tem nível de qualificação profissional para lidar eficientemente com o triplo 'T': Tecnologia, talento e tolerância. A formação profissional é um pilar determinante para o desenvolvimento económico e social. Hoje em dia, o recurso-chave é o pessoal qualificado e criativo, de grande mobilidade. Os países ganhadores são aqueles que conseguem formar, reter e atrair gente criativa e empreendedora, ou seja, pessoal qualificado e reconhecido como competente. Quanto ao pessoal altamente qualificado, Corsino Tolentino entende que se trata do pessoal com qualificação profissional de nível superior politécnico ou universitário e de elevado grau de especialização.

### **A diáspora e o desenvolvimento do país de origem**

Uma das perguntas-chaves neste parágrafo é a seguinte: quais são os elementos mais relevantes para que as diásporas possam contribuir para o desenvolvimento do país de origem? Tentamos responder a mesma com os seguintes argumentos. Para além das remessas (financeiras e sociais) as diásporas podem contribuir para o desenvolvimento do país de origem através da sua participação nas seguintes áreas: comércio, investimento, acesso à tecnologia avançada e transferência de conhecimento (saberes) e competências. Para que isso aconteça, as diásporas podem dispor dos seguintes tipos de capitais: capital financeiro, capital intelectual, capital político, capital cultural e capital social. Para além das remessas, a diáspora pode ser, ainda, de grande utilidade para o país de origem fazendo o seu investimento na área do empreendedorismo, através de pequenas ou micro-empresas e isso é de relevância para o desenvolvimento sócio-económico do mesmo país. O capital intelectual, ao contrário da tal chamada 'fuga de cérebros', está baseada na participação do pessoal qualificado nas regiões desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento. Por isso, o foco nessa área

---

<sup>1</sup> Intervenção do mesmo autor no IV Congresso dos Quadros Cabo-verdianos da Diáspora, em 2006.

está baseada no *know-how* e habilidades dos membros da diáspora de forma mais flexível e que não exigem retorno permanente. Quanto ao capital político pode-se avançar que os membros das diásporas podem exercer influência política sobre uma série de questões relacionadas com o desenvolvimento de carácter local, doméstico, nacional ou até mesmo global. Quanto ao capital cultural: muitas vezes os membros das diásporas adquirem um conjunto de valores, normas e perspectivas no exterior que (muito) diferem daquelas dominantes nos seus países de origem. Nessa ótica, muitos membros das diásporas produzem uma mistura de dois conjuntos de valores que passam a constituir uma perspectiva única ‘privilegiada’. Por isso, membros da diáspora estão, muitas vezes, bem posicionados para servir de ‘ponte’ entre a antiga e a nova forma de ver e ser. Por último, temos o capital social que ‘inclui os laços que unem uns aos outros’, tais como, a racionalidade, obrigações, *feedback*, cooperação mútua, satisfação, canais e redes. Portanto, sociologicamente falando, o capital social faz referência à colaboração mútua entre as pessoas que fazem parte das redes sociais e que se encontram regidas pela confiança mútua e normas efetivas de reciprocidade que possibilitam a sobrevivência dessas mesmas redes sociais.

### **Países de referência**

Tal como atrás assinalado, as diásporas podem dar um contributo de elevada relevância para o país de origem. O leitor crítico poderá interpelar-nos sobre o seguinte: quais são os países que, a nosso ver, mais se distinguem como exemplos ou como referência sobre esse mesmo tipo de participação? Com base nas nossas leituras e análises críticas nessa área, estamos convencidos de que se trata de três referências principais, nomeadamente Índia, China e Coreia do Sul.

### **Índia**

Quanto à Índia podemos avançar o seguinte. Depois de uma fase de arranque quanto ao surgimento de um número significativo de talentos Indianos nas empresas norte-americanas, a década de 80 do século passado ficou conhecida como a ‘fase de arranque’ e promoção da imagem da Índia, como país atraente para a ‘terceirização’ (*outsourcing*) intensiva de serviços ligados ao conhecimento. O processo de terceirização desses mesmos serviços acentuou-se nos finais dos anos 90 do mesmo século, tornando os quadros Indianos altamente qualificados como os pioneros desse processo de terceirização intensiva de conhecimento. Nessa mesma década, a indústria Indiana cresceu acerca de 40% e o emprego cresceu nesse país de 56.000 para 360.00 novos empregos na área de tecnologia de informação. Hoje, a Índia é reconhecida como um grande exemplo quanto ao papel da diáspora no desenvolvimento da mesma área de serviços. Sendo assim, pode-se perguntar quais os elementos mais relevantes que ditaram esse elevado avanço na área atrás mencionada?

Os Indianos que estudaram nos Estados Unidos da América (EUA) tornaram-se, nas três décadas atrás mencionadas, quadros altamente qualificados executando funções executivas em empresas multinacionais americanas. Esses quadros executivos também desempenharam um papel fundamental e com algum sucesso encorajando as suas próprias empresas a investir no seu país de origem, Índia. Isso aconteceu dado, em grande parte, à confiança que gozavam junto das empresas onde trabalhavam. Doutra lado, esses mesmos quadros exerceram um papel exemplar de ‘ponte’ e conetividade junto dos seus amigos e colegas na Índia que estudaram sobretudo nos EUA, Reino Unido e Canadá, persuadindo-os a aderir ao processo de teiceirização de serviços de conhecimento e tecnologia na Índia. Outro fator de elevado significado nesse domínio tem a ver com o alto investimento da Índia na formação superior criando assim um excedente de cientistas, engenheiros

e outros quadros altamente qualificados nessa área em questão. Contudo, isso contribuiu para uma grande dicotomia ou contraste, sabendo que na Índia existem ainda aproximadamente 59 milhões de crianças entre 6 a 14 anos que não conseguem obter sequer a educação primária. Finalmente e para além do atrás mencionado investimento governamental na área de formação de quadros, o sucesso da Índia e sua diáspora tem a ver com os seguintes fatores: domínio do Inglês; tradição cultural de matemática e educação científica; política de não interferência (*hands-off*) do Governo nos assuntos relacionados com as multinacionais orientadas para a informação e tecnologia ; presença de massa crítica e influência da mesma no seu próprio país; papel de elevado significado das redes e organizações da diáspora contando, em grande medida, com o apoio do Governo do país de origem. Portanto, a Índia é praticamente o principal país no mundo onde a diáspora desempenha um papel significativo no desenvolvimento da alta tecnologia, quase inteiramente ligada à indústria de *software*.

### **China**

A diáspora chinesa é de uma dimensão relativamente larga e encontra-se hoje espalhada pelo mundo inteiro. A história da diáspora Chinesa vem desde o período da segunda Guerra Mundial e é marcada pela mobilidade geográfica e diversidade económica. O contributo dessa mesma diáspora para o desenvolvimento da China continental é basicamente marcado por diversos tipos de investimento e produção de artigos diversos, tendo a diáspora chinesa contribuído com acerca de 70% do investimento estrangeiro orientado diretamente à China e durante o período de 1985 a 2000. No entanto, algo que desempenha um papel central na diáspora chinesa é a tal chamada ‘rede de bambu’, ou comunidade chinesa. Essa mesma ‘rede bambu’ é um termo utilizado para estabelecer ligações entre certos negócios operados pelos membros da diáspora chinesa nalguns países do Sudoeste Asiático, tais como a Malásia, Indonésia, Vietname, Filipinas e Singapura com as economias da grande China (China continental, Hong Kong e Taiwan).

O bambu é uma planta utilizada na construção civil e na fabricação de diversos objetos, tais como: instrumentos musicais, móveis e cestos. Por se tratar de uma planta tropical renovável e que produz anualmente sem a necessidade de ser novamente plantado, o bambu distingue-se, ainda, como um grande potencial agrícola, apresentando várias características físicas, químicas e mecânicas e é aplicado, entre outros, na fabricação de papel e aplicação nas engenharias. As empresas chinesas pertencentes à já citada ‘rede de bambu’ e estabelecidas no atrás mencionado Sudoeste Asiático são, de uma forma geral, propriedade familiares e geridas através de uma burocracia centralizada. Em outras palavras: trata-se, regra geral, de empresas médias onde o comércio e financiamento é guiado por laços familiares e as relações pessoais têm prioridade sobre os vínculos formais. Isso promove a comunicação comercial e uma mais rápida transferência de capital numa região onde o regulamento financeiro e o estado de direito continuam subdesenvolvidos.

Os governos afetados pela crise financeira de 1997 introduziram leis que regulavam o comércio externo, o que enfraqueceu a influência da ‘rede de bambu’. Após a crise, as relações comerciais foram mais frequentemente feitas com base em contratos, em vez da confiança e os tradicionais laços de família da ‘rede de bambu’. Com a reforma económica chinesa iniciada por Deng Xiaoping, durante a década de 1980, empresas da diáspora chinesa começaram a desenvolver laços com empresas sediadas na China continental. As empresas da ‘rede de bambu’ investiram um grande potencial na China, influenciado por afinidades culturais e linguísticas. Mas a transformação da China

em potência económica global no século 21, levou a uma inversão nessa relação. Buscando reduzir as dependências dos títulos do Tesouro dos Estados Unidos, o Governo Chinês passou a focalizar nos investimentos estrangeiros. O protecionismo dos Estados Unidos fez com que fosse difícil para as empresas chinesas adquirirem ativos americanos, reforçando assim o papel da 'rede de bambu' como um dos principais destinatários dos investimentos chineses.

### **Coreia do Sul**

A política de engajamento da diáspora da Coreia do Sul foi uma resposta, entre outras, à uma crise demográfica causada pelo rápido envelhecimento da população do mesmo país. A política desse país tinha como objetivo principal reforçar o relacionamento com os sete milhões de sul-coreanos étnicos que vivem no exterior e facilitar a sua contribuição no crescimento do mesmo país. Paralelamente, o governo sul-coreano concedeu a dupla cidadania e direitos de voto aos membros da diáspora sul-coreana e decidiu consolidar o papel da diáspora sul-coreana nas seguintes vertentes: fortalecimento da sua identidade étnica; construção de redes entre os membros da diáspora sul-coreana e entre estes e a terra natal; reforçar as relações entre a diáspora sul-coreana e o seu país de origem.

Para fortalecer as redes entre a diáspora sul-coreana e entre os membros da mesma e a sua pátria étnica, a Fundação dos Coreanos no Exterior tomou as seguintes decisões: apoiar as várias organizações de empresários, cientistas, quadros altamente qualificados e líderes das gerações descendentes; apoio à mesma diáspora quanto à criação e desenvolvimento de diversos jornais e plataformas digitais; apoio destinado à ampliação e integração de diversas redes entre os membros da diáspora sul-coreana. Tais medidas contribuíram para o fortalecimento das mesmas comunidades sul-coreanas em todo o mundo. Em outras palavras: essa política contribuiu para transformação da Coreia do Sul numa nação extraterritorial. Por isso, defendem alguns especialistas na área, que pequenos países com populações substanciais da diáspora podem obter ganhos semelhantes e a longo prazo adotando políticas orientadas para o engajamento das suas diásporas. Isso desde que adotem políticas inteligentes e orientadas para os vários desafios relacionados com o transnacionalismo e globalização. Pode-se ainda acrescentar que a política de envolvimento e apoio da diáspora sul-coreana trouxe benefícios substanciais para a economia sul-coreana e espera-se um aumento substancial da mesma, a longo prazo.

Concluindo, estamos convitos de que a diáspora sul-coreana é um fenómeno complexo e variado que não pode ser explicado por uma só teoria. Apesar das diferenças regionais e temporais da mesma diáspora sul-coreana, encontramos os seguintes elementos comuns nas comunidades desta mesma diáspora. Em primeiro lugar, muitos preferem o trabalho independente, seja como agricultor, académico ou empresário. A seguir, constatamos que a primeira geração investe fortemente na educação dos filhos enquanto que as gerações seguintes, tendo obtido maiores formações que os seus pais, optam-se para profissões ou trabalhos que lhes facilitam sua independência pessoal. Portanto, uma das estratégias principais dessas diversas gerações e grupos de sul-coreanos é o investimento na educação para poderem avançar, mesmo que seja em terreno hostil. Um terceiro elemento comum por nós constatado é a existência duma forte identidade étnica entre os sul-coreanos da diáspora. Isso significa que essa identificação étnica pode ser entendida como uma dupla entidade, na medida em que enfatiza, dum lado, a sua origem e cultura étnica e, doutro lado, a experiência e identificação com a sociedade anfitriã.

## **Cabo Verde e a sua diáspora**

De acordo com fontes do Expresso das Ilhas, conhecido jornal cabo-verdiano, o nosso país conta atualmente com acerca de 500 mil habitantes residentes. Mas se somarmos este número à quantidade dos nossos compatriotas espalhados pelo mundo inteiro, a nossa diáspora, atingiremos uma quantia de aproximadamente 1 milhão de cabo-verdianos. Quanto à nossa mesma diáspora, como é do conhecimento geral, ela se encontra espalhada pelos quatro cantos do mundo, ou seja, nos Estados Unidos, na Europa, na Ásia e na Europa. Em relação às características e potencialidades dos nossos compatriotas espalhados pelo mundo, o atual primeiro Ministro de Cabo Verde defende, numa entrevista feita pelo jornal Expresso das Ilhas (13-06-2017), que essa nossa diáspora é detentora, desde a primeira à terceira geração, de várias capacidades e competências nos mais variados domínios, tais como, no político, académico, investigação, medicina, setor empresarial, desporto, cultura e outros mais.

Ainda segundo o Expresso das Ilhas, as remessas que os emigrantes cabo-verdianos enviam para o arquipélago têm aumentado nos últimos anos. Um grande exemplo disso, foi o montante do ano de 2018: a quantidade de remessas enviada ao país de origem, Cabo Verde, foi de 21 milhões de contos, quantia essa que é maior do que a ajuda ao desenvolvimento oferecida a Cabo Verde ou do que o investimento directo estrangeiro no mesmo país. Esses números demonstram o grande peso das remessas dos emigrantes para o nosso país de origem, Cabo Verde. No entanto, se a conjuntura económica continuar positiva na Europa e na América, a tendência das remessas será de subir ainda mais. Mas mais: isso significa que o dinheiro que é enviado por quem trabalha no estrangeiro (diáspora) representa acerca de 12 por cento do PIB de Cabo Verde. Em outras palavras: as entradas de remessas da diáspora ajudam a aumentar a balança de pagamentos de Cabo Verde e respetivas classificações de crédito, reduzindo os custos dos empréstimos do governo, empresas e famílias. Esses números clarificam ainda o seguinte: Cabo Verde é um dos países que mais depende financeiramente das remessas dos seus emigrantes, sobretudo os residentes em Portugal, França, Holanda e Estados Unidos da América. Na Europa, a principal origem das remessas é Portugal seguida da França e Holanda. Os últimos números do Banco de Cabo Verde apontam para mais de 21 milhões de contos em 2018, um aumento de 6% em relação ao ano anterior e uma tendência que se verifica, desde há vários anos.

Perante o atrás exposto, fica bastante claro que este ativo de Cabo Verde merece uma grande atenção para poder usufruí-lo e aumentá-lo das mais variadas formas. Mas para tal é indispensável ter e adotar uma clara visão estratégica tendo como base principal planos estruturantes em diversas áreas de grande prioridade. Mas em vez de orientar para tal desiderato, o atual Governo de Cabo Verde optou por eliminar o antigo Ministério das Comunidades e praticamente todos os projetos e ações ali então contemplados. No entanto, este mesmo Executivo Cabo-verdiano entendeu por qualificar de 'estratégia' aquilo que organizou nos Estados Unidos, em 2017 e pela primeira vez, ou seja, a tal intitulada 'Gala Cabo-verdianos de Sucesso'. Segundo o atual Primeiro Ministro, a meta da mesma Gala era captar recursos e competências de emigrantes para o desenvolvimento de Cabo Verde. Entretanto, por considerar ser um dos maiores capitais de Cabo Verde, o Primeiro Ministro defendeu junto do Expresso das Ilhas, que as competências das diversas gerações de cabo-verdianos na diáspora devem ser aproveitadas, para que se possa transitar da fase de remessas dos emigrantes, que continua sendo importante, para uma fase complementar, a de troca de competências. Em Dezembro de 2018, desta feita em Portugal, foi organizado a II Gala 'Cabo Verde de Sucesso' tendo o Governo de Cabo Verde e a Presidência da República destacado como objetivo

central do mesmo evento, uma forma de distinguir ‘os melhores cabo-verdianos da diáspora nas mais diversas áreas’.

As críticas em relação às mesmas ‘Galas’ vieram de todos os lados e níveis, tendo algumas pessoas optado por interrogar sarcásticamente se Cabo Verde preferia agora ‘governar com festas’. Vários membros da diáspora manifestaram não estar minimamente de acordo com as pessoas selecionadas, argumentando ainda que a escolha encontrada para a atribuição dos prémios carecia de critérios claros, transparência e meritocracia. Outras pessoas fazem ainda a seguinte pergunta crítica: qual é a mais-valia dessas ações quanto à mobilização da potencialidade da diáspora rumo ao desenvolvimento (sustentável) de Cabo Verde? Algo que ainda entra em grande contradição com as intenções atrás formuladas pelo Primeiro Ministro de Cabo Verde é a opinião do seu colega de partido, Emanuel Barbosa, deputado do MpD pelo círculo da Europa. Reagindo às perguntas do jornalista Jorge Montezinho do Expresso das Ilhas (8 de Setembro de 2019) sobre a necessidade de melhor preparar as mais recentes gerações de emigrantes cabo-verdianos, o mesmo deputado respondeu, sem titubeação alguma, que em Cabo Verde ‘não existe estratégia nessa matéria’ e argumenta a sua opinião sustentando-a com vários argumentos.

Mas o mesmo deputado do MpD pelo círculo da Europa não fica pela resposta relativamente contraditória atrás mencionada e argumenta que mais do que o reconhecimento pelas remessas enviadas, “deveria haver um plano estratégico para assegurarmos melhor a transferência monetária dos emigrantes e canalizá-las para investimentos de alta rentabilidade afim de produzir um efeito multiplicador e para que pudesse contribuir de forma mais efetiva na geração da riqueza do país”. O mesmo deputado termina com a seguinte opinião: “fazendo uma análise dos 44 anos de independência podemos concluir que falhamos nesse desígnio. A diáspora deu um contributo incomensurável, mas de forma *ad-hoc* e que poderia atingir outros níveis caso o (nosso) país tivesse uma clara compreensão do potencial existente e de como explorá-lo...”. Emanuel Barbosa, adianta, ainda, que “existe a obrigação de, doravante, pensarmos a diáspora de forma estruturada, enquanto pilar importante no proceso de desenvolvimento de Cabo Verde, e não como alvo de medidas avulsas e numa lógica eleitoralista”. O deputado do PAICV pelo mesmo círculo da Europa, Francisco Pereira, é também de opinião que “não há uma visão clara sobre o enquadramento legal e institucional para mais e melhor aproveitamento do contributo da nossa diáspora no processo de desenvolvimento”. Ele termina afirmando, também, que ‘não há uma visão clara de políticas para os descendentes de emigrantes’.

Precisamente sobre esses descendentes de emigrantes queremos terminar este parágrafo trazendo à apreciação dos leitores deste *website* e de forma muito breve o seguinte. Existe, a nosso ver, uma grande potencialidade no que diz respeito aos jovens Cabo-verdianos de segunda geração estabelecidos em vários países da Europa. Apesar disso, dados estatísticos e empíricos de uma certa fiabilidade bem como estudos científicos sobre o (potencial) contributo desta mesma categoria social para o desenvolvimento do seu país ancestral são ainda muito raros. Uma das grandes exceções nessa área foi um nosso estudo de carácter exploratório sobre a ‘Segunda Geração de Cabo-verdianos na Europa e o Reforço dos seus Laços com Cabo Verde’ o qual foi encomendado pela Organização Internacional das Migrações (OIM) em estreita cooperação com o então Ministério das Comunidades de Cabo Verde, e que foi levado a cabo, em 2014. Mas dado sobretudo às limitações desse mesmo trabalho, continuamos defendendo que seria um desafio de elevada importância para Cabo Verde

optar pela continuidade do mesmo estudo através dum trabalho comparativo e de mais profundidade.

Na linha do atrás exposto e inspirado sobretudo nos resultados mais relevantes do atrás mencionado estudo, conseguimos, ainda neste corrente ano de 2020, a publicação dum artigo científico na bem conhecida Revista Portuguesa, Migrações. Apesar desta nossa pertinente iniciativa, continuamos plenamente conscientes das várias limitações e entraves no nosso país, sendo as críticas atrás formuladas os grandes exemplos a termos em conta, ou seja, a falta duma visão estratégica e ausência de projetos estruturantes virados para o aproveitamento da potencialidade da nossa diáspora, sobretudo a dos nossos descendentes, com vista à sua participação no desenvolvimento de Cabo Verde. Isso sabendo que a política atual de Cabo Verde orientada para as remessas da nossa diáspora é hoje um paradigma ultrapassado, levando sobretudo em conta que a componente da diáspora cabo-verdiana na Europa está cada vez mais envelhecida, com todas as consequências daí advenientes.